

JOSÉ RIBEIRO ALVES



# ESTÉTICA

## O BELO EM PLATÃO

30752  
5000

Tombo n°	7131
Classif:	
Ex:	1
Origem:	d
Data:	06.03.03

JOSÉ RIBEIRO ALVES

# **ESTÉTICA**

## **O BELO EM PLATÃO**

Trabalho apresentado à FACER  
como requisito parcial a Disciplina  
Dissertação Filosófica II, para fins  
avaliativos do professor Paulo  
Henrique Castanheira Vasconcelos.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	01
BIOGRAFIA .....	03
ESTÉTICA .....	05
VALORES ESTÉTICOS .....	06
BELO .....	08
CONCLUSÃO .....	11
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS .....	12

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de reflexão filosófica primeiramente a Deus que é o autor da vida, o onipotente, incorruptível e que está presente a todo momento de nossos dias.

Dedico também a minha esposa, companheira de todas as horas, dando apoio durante a caminhada acadêmica e sempre deu incentivo nos momentos difíceis. As minhas filhas que também é a razão da Jornada e acompanhou a cada instante com o desejo de vitória.

A meu pai (IN memória) que com muito anseio e esperançoso por esse momento não viu acontecer. A minha mãe que apesar de não saber ler sente-se orgulhosa pelo meu sucesso na vida.

Aos professores que, com dedicação procurou nos repassar um projeto novo para enfrentar a vida e nos auxiliando nos trabalhos de pesquisas, especialmente ao Paulo Henrique que com muita dedicação não mediu esforços para nos orientar na difícil tarefa do filosofar e descobrir nos filósofos uma nova forma de ver o mundo e as coisas que nos rodeia.

Aos meus colegas que durante quatro anos batalhamos juntos por um mesmo ideal vencer, vencer e vencer, conseguir assim com a vitória uma transformação interior, capaz de ver e sentir um mundo melhor.

## INTRODUÇÃO

O termo Filosófico abrange uma série de questões que não somos capazes de responder ou simplesmente não temos respostas a tal questionamento. Ao estudar deparamos com coisas de grande riqueza para o pensamento e aplicação na vida no dia-a-dia. Platão um dos maiores pensadores do mundo antigo deixou memoráveis escritos e que hoje nos leva a pensar e remoer coisas que as vezes nosso pensamento não é possível atingir. Por tratar-se de assunto de nossos ancestrais, nos desperta o interesse de saber ou entender melhor suas realizações e progresso na ciências, arquitetura e em especial no campo da intelectualidade – cultural que é talvez um dos pontos chaves para decifrar parte do enigma do homem no planeta terra e que infelizmente nascemos, vivemos e morremos sem saber, apesar do grande avanço nas descobertas científicas e da tecnologia hoje a disposição do homem.

Nesta reflexão podemos notar que Platão escreveu sobre o Belo e a Idéia de Platão que queria provar a imortalidade da alma. No diálogo com Fédon, ele quer mostrar que no mundo das idéias descobriu algumas cousas e faz como justificativa da alma imortal.

*Volto a uma teoria que já muitas vezes Discuti e por ela começo: suponho que há um belo, um bom e um grande em si, e do mesmo modo as demais coisas se concordas comigo também admites que isso existe, tenho muita esperança de, por esse modo explicar-te a causa mencionada e chega a provar que a alma é imortal.*

*– Naturalmente admito que isso existe – confirmou Cebes; - e agora, faze depressa o que dizes.*

*– Examina, pois, com cuidado, se estás de acordo, como eu, com o que se deduz dessa teoria! Para mim é evidente: quando, alem do belo em si; existe ou outro*

*belo, este é belo porque participa daquele apenas por isso e por nenhuma outra causa<sup>1</sup>.*

Platão enumera isto como causa ou efeito da verdade nos objetos, vê no belo uma causa, o Belo só tem sua participação por ser belo nada além disso. E o mesmo acontece com todas as coisas.

---

<sup>1</sup> Platão, Pensadores, p. 107

## **BIOGRAFIA**

Platão é uma das maiores figuras da filosofia de todos os tempos. A sua grandeza destaca-se mais do que a de outros filósofos por ser a primeira no tempo. A extraordinária envergadura do gênio filosófico de Platão está em ter ele tirado a especulação filosófica das incertezas e da ingenuidade dos inícios e em tê-la levado a uma profundidade, maturidade e amplitude assombrosas.

Platão nasceu em Atenas, em 428/427 a.C. seu verdadeiro nome era Aristocles. Platão é um apelido que derivou, como referem alguns, de seu vigor físico ou segundos outros, da amplitude de seu estilo ou da extensão de sua testa (do grego-platos que significa precisamente “amplitude”, “Largura”, extensão).

O grande acontecimento da mocidade de Platão foi o encontro com Sócrates. Platão que seguira os debates de Sócrates e que o considerava – o como escrevera no Fédon “O mais sábio e o mais justo dos homens-“, podes acompanhar de perto o tratamento que seu mestre recebera de ambos as facções políticas. Diante da injustiça sofrida por Sócrates, aprofunda-se o desencanto de Platão com aquela política e com aquela democracia.

A filosofia para Platão representou assim de início, a ação entravada, o que se renuncia apenas para poder vir a ser realizada com plenitude de consciência.

Com a morte de Sócrates disperso o núcleo que se congregara em torno do mestre, Platão viaja, visita Mégara, onde Eudides fundara uma escola filosófica vinculada ao Socratismo e Cleotismo.

Platão nessa época compõe seus primeiros diálogos chamados “diálogos Socráticos” pois tem em Sócrates a personagem central. Nos diálogos Platão tenta mostrar que Sócrates não era ímpio e nem pervertia os jovens, supõe

que nessa época Platão começa escrever “República”. Nos diálogos Socráticos desenvolveu discussões sobre o definir determinadas virtudes (coragem, piedade, amizade, auto controle).

Nos diálogos a identificação da virtude com certo tipo de conhecimento e da unidade de todas as virtudes os outros diálogos dessa fase manifestam duas preocupações que permanecerão constante na obra platônica: o problema política e o papel que a retórica pode desempenhar na ética e na educação.

Cerca de 387 a.C. Platão funda em Atenas a academia, sua própria escola de investigações científica e filosófica. A academia, os escritos e os ensinamento oral testemunham essa concepção da atividade intelectual. Antes de tudo busca a inquietação, reformulação permanente e multiplicação da abordagem dos problemas, a filosofia sendo fundamente filosofar – esforço para pensar mais profunda e claramente.

Para Platão a política não se limita a prática insegura e circunstancial. Deve pressupor a investigação sistemática dos fundamentos da conduta humana, como ensinara Sócrates.

Platão frequentou centros pitagóricos de pesquisas científica, via na matemática a promessa de um caminho que ultrapassaria as Socráticas. Platão dedica-se durante vinte anos ao magistério e à composição de suas obras.

Platão propõe uma filosofia própria, a partir da nova solução para o problema do conhecimento representada pela doutrina das idéias formas incorpóreas e transcendentais que seriam os modelos dos objetos sensíveis. Essas fórmulas aparecem em vários Diálogos: Ménon, Fédon, Banquete, República e Fedro.

Em 367 a.C. Platão é convidado a fazer parte no governo de Dionísio e ele pensou ser momento para tentar reformar a vida política da cidade. Isso leva Platão interromper sua produção filosófica e seu magistério na academia. A função não foi como pensava. Seu intento foi preparar o jovem tirano para refrear o avanço dos Cartagineses se possível expulsá-los da Sicília.

## ESTÉTICA

Muitos foram os que se preocuparam com o termo estética, a partir de 1750 o termo vem se limitando por um conceito de estética.

Muito se discute sobre o termo mais é preciso perceber na natureza que o belo é o ponto de partida para o estudo do assunto. Podemos recorrer tanto na reflexão filosófica como na experimentação científica.

Pensadores procuram tratar o assunto de maneira científica. A primeira reflexão racionalmente fundada sobre o tema foi Sócrates no século V a.C. As experiências em emoções causadas pelo belo tem um valor intrínseco ou devem ser encarados como estímulo ou simples motivação para ações úteis e normalmente boas. Em linguagem moderna deve-se encarar o problema como sendo a “arte pela arte”.

Para Platão a emoção estética era uma simples modalidade de prazer. Platão discípulo de Sócrates desconfiava das artes representativas achando-as incentivadoras das paixões. Em nossos dias criou-se oposições entre a arte representativa e a beleza pura ou formal, quer da arte, quer da natureza. Música, poesia, artes plásticas, o drama são artes representativas, isto é, são imitações de algo ou sentimentos e emoções anseios, ações humanas, boas ou mas por isto devem ser controladas.

Esse controle permite os hinos para deuses ou heróis, narrativas poéticas para boas ações humanas.

Um dos primeiros pontos tratados em reflexão pelos filósofos sobre o “belo” foi a beleza e realidade. Para Platão, o belo era tudo que imitasse a melhor possível a sua idéia existente no (Topos Noétos), mundo das idéias. A partir de Aristóteles e durante toda idade média a essência da beleza e da arte estava na imitação das coisas reais.

## VALORES ESTÉTICOS

É o valor um tema de filosofia e há uma disciplina especial que estuda esses valores que os pensadores deram o nome de Axiologia. É muito relativo quando ser valores nas coisas podemos aceitar ou não esses valores sem que diferencie do que são enquanto qualidades.

Os valores estéticos, aqueles que estão relacionados a beleza, o sublime, a ordem, a harmonia. O simbólico tem um valor, que na arte revela esteticamente, trata-se do valor estético. Os valores são polares, isto é, a um valor contrário.

Assim: ao Belo o horrível a ordem a desordem; além disso os valores possuem outras propriedades onde obedecem a certos graus e recebem o nome de gradatividade e classificam uma obra de arte em mais ou menos bela, mais ou menos harmônica. Também obedecem uma hierarquia onde as unidades se subordinam umas as outras, uns valem mais, outras menos, varia segundo os indivíduos, grupos humanos, épocas e culturas.

O homem quando valoriza apenas os positivos, marcha para o valor Divino. Quando valoriza os valores opostos partem para o demoníaco ou satânico. Como já vimos, a polarização e os graus hierárquicos obedecem também uma regra.

*Divino – Satânico*  
*Santo – Demoníaco*  
*Religioso – Laico ou Leigo*  
*Hierático – Secular*  
*Sagrado – Profano<sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup> Mário Ferreira, Convite a Estética, p.50

Mesmo obedecendo essa hierarquia e a tal polaridade os temas religiosos foram os que deram a arte os momentos mais alto.

Por outro lado tem também arte que valoriza o mórbido, o doentio em vez de valorizar os valores positivos Esteticamente o demoníaco pode alcançar também uma beleza, embora nunca tenha alcançado o que o divino oferece há também o santanismo na arte. Quanto a arte satânica também obedecem a outros valores.

*Sadio – Doentio (Mórbido)*  
*Profano – Superficial*  
*Culto – Primitivo<sup>3</sup>*

Também no satânico a arte apresenta a polaridade.

Mas o que nos interessa é o “Belo” Platão já na sua época questionava sobre o tema e conseguia despertar para o assunto. Muitos pensadores pesquisaram e estudaram a respeito do mesmo. Mario Ferreira dos Santos escreveu:

*O Belo é vivência, e vivido,*  
*É algo, mistério Supresensível<sup>4</sup>.*

Gwyon fala que toda vida tem beleza. É o orgânico na arte que dá e oferece a beleza. O mecânico, por si só não é belo.

*Toda Beleza esta na proporção da intensidade da vida expressa na obra de arte<sup>5</sup>.*

Em tudo há sempre um conceito que se espera com objetivo definido, que se espera com objetivo definido, com finalidade, mais referir-se ao belo é diferente, não obedece a mesma regra.

*Toda Beleza esta na proporção da intensidade da vida expressa na obra de arte. A Beleza é a forma da finalidades de um objeto, enquanto ela é percebida nesse objeto, sem representação de um fim. É Belo o que é reconhecido sem conceito como objeto de uma satisfação necessária<sup>6</sup>.*

Na obra ou objeto observa-se que o “belo” ou a “Beleza” não requer uma representação para tal.

---

<sup>3</sup> Mário Ferreira, op. cit., p. 52

<sup>4</sup> Mário Ferreira, op. cit., p. 55

<sup>5</sup> Mário Ferreira, op. cit., p. 58

<sup>6</sup> Mário Ferreira, op. cit., p. 62

## **BELO**

Mas o que é mesmo o belo?

Há sempre motivos para questionamentos por muitos e sobre as diversas maneiras de ver as coisas em si, na forma como ela está na natureza, ao nosso redor e assim sua utilidade em funções que define<sup>m</sup> seus objetivos.

Mas em que? Onde? Como apresenta o belo? Vimos que o belo conforme os escritos de Platão faz parte do amor e não da feiúra. Mas porque fazer uma radical separação dessa relação? É justo? Para dizer que é perigoso dar resposta a tal questionamento pois o que é “belo” para um, não parece a outro e assim tanto a beleza pode estar no amor pra mim como na feiúra para outro que admira como sendo belo. Podemos dizer que é uma questão de pensamento de um e do outro que não consegue ver no mesmo ângulo o significado importante que ora norteia o ser “belo” no amor e no bom, enquanto não existe a mesma relação do belo na feiúra e no menos bom.

*Se portanto o amor é carente do que é belo, e o que é bom é belo também do que é bom seria ele carente<sup>7</sup>.*

Deparamos neste texto com uma discussão com indagações e dúvida sobre o “belo” e sua relação com o bom e o amor e também com a feiúra e o mau.

Estudamos na filosofia que grandes nomes procuravam entender sobre a questão do belo mais vê-se que Platão defendeu com toda a sua técnica até mesmo os sofistas que tentavam questionar ou até mesmo convencer o contrário daquilo que se discutia para o bem. Com argumentos falsos faziam~~x~~-se de tudo por

---

<sup>7</sup> Platão, Diálogos, Os Pensadores, p.33

causa contrária à filosofia. No Banquete também discutia-se a bela forma de pensamentos, a mais bela é a que trata da organização dos negócios da cidade e da família e cujo nome é prudência e justiça. Destes por sua vez quando alguém desde cedo fecundado em sua alma, ser divino que é e chegada a idade oportuna, já esta desejando dar à luz e gerar, então penso à sua volta o belo em que possa gerar pois o feio ele jamais o fará. Assim os corpos belos mais que os feios ele os acolhe, por estar em concepção e se encontra uma alma bela, nobre e bem dotada e total o seu acolhimento.

Na concepção Platônica o belo tem maior receptividade e são capazes de ser uma inteligência incomparável, aptos a realizar tudo com mais facilidade. Com esses dons são até mais fáceis de enriquecerem-se, tudo por causa do “belo” então o belo na pessoa humana exerce grande influência para uma vida de prosperidade e riqueza. Com efeito o jovem de belo corpo deve ele amar um só corpo e então gerar belos discursos. Depois deve de compreender que a beleza em qualquer corpo é irmã da que está em qualquer outro e que deve procurar o belo na forma, seria tolice não considerar uma só e a mesma beleza em todos os corpos. Notamos que cultuaram a beleza no corpo, uma espécie de idolatria que envolvia toda sociedade.

Na conversa entre Sócrates e a estrangeira de Martinéia muito se discutia sobre o belo, mais uma espécie de Belo mais voltada para a contemplação do Belo Corporal.

*Aquele, pois, que até esse ponto tiver sido orientando para as coisas do amor, contemplando seguida e corretamente o que é belo, já chegando ao ápice dos Graus do amor, subindo perceberá algo de maravilhosamente belo em sua natureza. Ó Sócrates a que tendiam todas as penas anteriores, primeiramente sempre sendo sem nascer nem parecer, sem crescer nem decrescer e depois, não de um jeito belo e de outro feio, nem ora sim ora não, nem quanto a isso belo e quanto aquilo feio, nem aqui belo ali feio, como se a uns fosse belo e a outros feio; nem por outro lado aparecer-lhe-a o belo como um posto ou mãos, nem como nada que o corpo tem consigo”.*

*Em começar do que aqui é belo e, em vista daquele belo, subir sempre, como que servindo-se de degraus, de um só para dois e de dois para todos os belos corpos, e dos belos corpos para os belos ofícios, e dos ofícios para*

*as belas ciências até que das ciências acabe naquela ciência, que de nada mais é senão daquele próprio belo, e começa enfim o que em si é belo<sup>8</sup>.*

Nos debates o belo é a questão primordial do discurso e que os tornam como que embriagados.

O importante é examinar o que para tornar-se belo ou verdadeiro pois o que realmente torna-se belo é compreender esse amor que esta dentro de cada um no modo de olhar e ver as coisas em sua volta, no mundo, na natureza capaz de proporcionar um estado de felicidade interior enorme, que mesmo não querendo deixa transparecer.

Platão concorda plenamente com o que dizia Sócrates.

*Quanto a mim, estou firmemente convencido, de um modo simples e natural e talvez até ingênuo, que o que faz Belo um objeto é a existência daquele belo em si, de qualquer modo que se faça a sua comunicação com este. O modo por que essa participação se efetua, não o examino neste momento; afirmo, apenas, que tudo o que é belo e belo em virtude do belo sem si. Acho que é muitíssimo acertado, para mim e para os demais, resolver assim o problema, e creio não errar adotando esta convicção. Por isso digo convictamente, a mim mesmo e aos demais, que o que é belo é Belo por meio do Belo<sup>9</sup>.*

Platão neste texto da sua opinião sobre o belo. Como fala antes do bom do belo e um grande em si mesmo e criou um debate separado do belo, faz tez também uma discussão do grande, mas o que nos interessa mesmo e o que diz a respeito do belo como causa e conseqüência nas coisas nos objetos que passa agir de forma natural e verdadeira. Não há como uma beleza, uma coisa bela. Uma obra de arte é bela, mais isso não foi criada é simplesmente uma cópia, imitação da natureza que é bela por si mesma e leva o artista a impressão do belo que só é capaz de imitá-la fora da realidade, grotesca, morta sem emoção.

---

<sup>8</sup> Platão, *Diálogos, Os Pensadores*, p. 42

<sup>9</sup> Platão, *Pensadores*, p. 107

## CONCLUSÃO

Ao término dessa síntese filosófica estou muito grato, embora não tenha conseguido colocar tudo nessa, como dizia Ludwig Wittgenstein “O significado da palavra não seria o objeto que representa mas seu uso na linguagem”, o significado para mim não será esse objeto aqui representado, mas uso que dele farei na minha vida. Então poderei fazer uso dessa frase tirado do livro do Eclesiástico 1,31 “O sentido da instrução está encerrado nos celeiros da sabedoria”.

Como o homem é um ser que está sempre em busca da verdade e só se descansa quando encontra, também o bom uso dessa, coloco-me mais profundo a caminho. Terminei dizendo: A verdade está sempre a frente e nunca atrás e por isso devemos sempre estar caminhando para frente sem olhar para trás deixando que a luz cada vez mais ilumine-nos para que um dia com ela, possamos encontrar e nela habitar. Foi um grande desafio mais vemos que valeu a pena, foi gratificante, após grandes dificuldades que encontramos foi simplesmente para que nós tornássemos preparados para a vida e pudéssemos entender que faz parte da jornada.

As muitas dúvidas surgidas, sentimos hoje o gosto da vitória conquistada ao longo da caminhada acadêmica e reconhecemos o esforço de cada professor que passou por nossa sala, e nos animou nos momentos mais difíceis.

Estética, Belo! Belo mesmo foi iniciar, caminhar e chegar ao fim, transcendendo consigo na bagagem, a soma de um pouco mais de conhecimento, que mesmo sendo pouco, se somarmos é lógico, vale a pena. Sentimos aqueles que por um motivo ou outro, ficaram pelo caminho, mas deixou em cada um de seus colegas a saudade e amizade enquanto estiveram conosco.

## REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Obras de Referência

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BUENO, Francisco da Silveira. *Mine dicionário da língua portuguesa*. São Pulo: FTD, 1996.

VICTORIANO, Benedito A. D. & GARCIA, Carla C. *Produzindo, monografia*. São Paulo: Publisher Brasil, 1996.

### Bibliografia

ARANTES, Paulo et all. *A filosofia e seu ensino*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Educ, 1996.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofando: Introdução a Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1986.

BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. *Estética*. Petrópolis: Vozes, 1993.

BENTON, Willian. *Enciclopédia Barsa*. Elaborada sob a supervisão dos editores da Encyclopedia Britânica. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

BUZZI, Arcângelo R. *Introdução ao Pensar*. 26ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.  
PLATÃO. A República. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

JAEGER, Werner. **Paidéia**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KOHAN, Walter Omar & WUENSCH, ANA MIRIAM (Org.) **Filosofia para Crianças**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

KOHAN, Walter Omar & WAKSMAN, Vera (Org.) **Filosofia para Criança na prática escolar**. Petrópolis: Vozes. 1999.

LIPMAN, Matthen, **A filosofia vai à escola**. 2ª ed. São Paulo: Sumus, 1990.

LYOTARD, Jean- Fonçois. **Lições sobre a analítica do sublime**. Campinas: Papyrus, 1993.

LUCE, J.V. **Curso de Filosofia Grega**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

PLATÃO. **Diálogos**. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991. (Os Pensadores)

PARISI, Mário & COTRIM, GILBERTO. **Trabalho dirigido de filosofia**. 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 1980.

QUINTÁS, Afonso López. **Estética**. Petrópolis: Vozes, 1993.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Convite à Estética**. São Paulo: Logos, 1961.